

POESIA ADELIANA E SEXUALIDADE: UMA DESCONSTRUÇÃO TECNOLÓGICA DE GÊNERO

MATIA, Kátia Caroline de. PG (Mestrado) – UEM
ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. (Orientadora) – UEM

Resumo: Este artigo, por meio de reflexões sobre as questões de gênero e sexualidade, tem por objetivo expor algumas análises realizadas acerca do texto poético e sua real necessidade no desenvolvimento da personalidade e da criticidade. Para tanto, selecionamos algumas poesias de Adélia Prado, poeta contemporânea que trata com amplitude de fatos do dia-a-dia e aborda diversos temas, inclusive a sexualidade, a fim de compreender como a poesia adeliana trata a sexualidade no âmago das relações sociais. Com referência ao texto literário, a sexualidade subverte a predominância masculina através da ironia, do riso, do carnavalesco, da produção de diferenças instáveis e da inversão das hierarquias há muito tempo estabelecidas. Portanto, compreende-se que a sexualidade está imbricada em uma construção tecnológica de gênero (LAURETS, 1994), de acordo com os pressupostos foucaultianos, e está presente nas diversas formas institucionais em nossa sociedade, considerando neste aspecto o estudo de Bordieu (1999) quanto às relações de dominação masculina e submissão feminina. A literatura, assim, é uma das formas de se pensar a desconstrução da hierarquização da diferença física natural contida historicamente.

Palavras-chave: Gênero; Poesia; Sexualidade.

Poesis e consciência

*“A poesia me pega com sua roda dentada,
me força a escutar imóvel
o seu discurso esdrúxulo.
Me abraça detrás do muro, levanta
a saia pra eu ver, amorosa e doída.(...)”*
Adélia Prado

A literatura corresponde a uma necessidade universal, de acordo com Cândido (1995) e, deve ser satisfeita pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, pois nos organiza, nos liberta do caos e, portanto nos humaniza. Deste modo, a poesia tem o poder de desenvolver a personalidade, formar o gosto e a sensibilidade, possui o “estatuto de ampliação do psíquico, individual, e da cognição do universo, o social, realizado pela linguagem” (Averbuck, 1986). Assim, afirma-se a importância do espaço a ser concedido à poesia, considerando sua verdadeira necessidade numa ação formadora, inclusive quanto às reflexões sobre a sexualidade tratada, por meio do literário, no fazer poético.

Originada do termo Grego *poiesis* (criar, imaginar), a poesia é um gênero literário de difícil conceituação, Moisés (1987) a considera “expressão metafórica do ‘eu’, cujo resultado, o poema, pode ser em verso ou em ‘prosa’”, afirmando, porém, que o verso corresponde mais à essência da poesia, devido ao seu jogo rítmico. Octavio Paz (1982) afirma que a criação poética dá início com o desenraizamento das palavras, quando o poeta as arranca de seus sentidos habituais, comuns. Devido a isso, o texto literário, adquire ambiguidade, uma vez que tem o caráter transformador em que se estruturam vazios a serem preenchidos pela recepção do leitor. E ainda, na literatura contemporânea tem-se observado uma forte tendência de acalentar os temas corriqueiros, valorizando-se as epifanias e os pequenos acontecimentos, como forma de afrontar os parâmetros existentes.

Assim, neste trabalho abordaremos algumas poesias de Adélia Prado por esta utilizar-se, especialmente, com amplidão de fatos do dia-a-dia, traduzindo o que Moriconi (2002, p.70) classifica como “consciência aguda de que o sublime da modernidade está na simplicidade prosaica de um cotidiano sem heróis, feito de pessoas comuns”. Considerando que não é necessário um rebuscamento exagerado da linguagem e da forma para realizar uma obra satisfatória; muito ao revés, clama-se, atualmente, pela projeção do homem comum, destituído de grandes feitos, retratado em seu âmago e no próprio meio, a fim de refletir como a sexualidade é abordada em seus aspectos sociais e como estes são representados e superados, por meio da criticidade, no fazer poético.

O tornar-se aberto para o mundo literário exige a consciência de que ela tem papel formador na personalidade e que é uma necessidade de todo ser humano, e que se é negada é por que está relacionada à ideia de convenções de elevação e edificação. Pois, “a literatura trazendo em si o que chamamos de o bem e que chamamos de o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver.” (CÂNDIDO, 1972, p.806).

Sexualidade e *Habitus* de gênero

A sexualidade é uma prática sexual e a realização de desejos variados e diversificados no comportamento sexual humano. Foucault (1993), afirma que a sexualidade é a colocação da prática sexual no âmbito do discurso e do poder. Ao pensar o gênero no viés foucaultiano a sexualidade é uma “tecnologia de gênero”, sendo um produto de diferentes tecnologias sociais, de práticas institucionalizadas na vida cotidiana que

mantém a “roda dentada” – utilizando aqui a metáfora adeliãna na epígrafe deste texto – da dominação masculina e da submissão feminina na sociedade.

Por meio do texto literário subverte-se a predominância da sexualidade masculina através da ironia, do riso, do carnavalesco, da produção de diferenças instáveis e da inversão das hierarquias há muito tempo estabelecidas. Para tanto consideremos a poesia adeliãna “*Tal qual um macho*”:

Comi em frente da televisão
sem usar faca
e repeti o prato
como os caminhoneiros que falam de boca cheia
e vi um programa até o fim.
Até altas da madrugada
fiquei vendo as moças reboletantes
locutores boçais dizerem
segura meu microfone, gracinha.
Depois fui dormir e sonhei,
voava perseguida por soldados
um voo medroso
temendo me embarçar na rede elétrica.
Acordei com decepção e ânsias,
macho verdadeiro
sonharia com reboletâncias. (PRADO, 1991, p.466)

Ao referir-se “macho verdadeiro”, ferozmente marcado pela sociedade patriarcal, Adélia ironiza a hierarquização da diferença física natural. Para Bordieu,

a divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (...), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação” (BORDIEU, 2005, p.17)

O *habitus* em “*Tal qual um macho*” corresponde às estruturas de representação condicionantes da mulher, o “sem usar faca”, o “repetir o prato”, e estão, longe de serem simples “papéis”, inscritos nos corpos e em todo um universo do qual extraem sua força. É a ordem dos gêneros que fundamenta a eficácia performativa das palavras. A ironia que se faz no ato de dormir, por meio dos sonhos, da fuga do real, para enxergar esse real é o medo “da rede elétrica” que norteia a dominação masculina, diante da “decepção e ânsias” da submissão feminina ao “acordar”.

A mulher, na poesia adeliãna, apesar de incutida numa sociedade patriarcal, aparece dotada de sentimentos e desejos, inclusive de natureza sexual, a fim de questionar, por



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

meio do *eu-lírico* a submissão e expor os desejos inibidos pelas construções de gênero. Vejamos “A serenata” e “Vaso Noturno”:

A serenata

Uma noite de lua pálida e gerânios
ele viria com boca e mãos incríveis
tocar flauta no jardim.
Estou no começo do meu desespero
e só vejo dois caminhos:
ou viro doida ou santa.
Eu que rejeito e exprobro
o que não for natural como sangue e veias
descubro que estou chorando todo dia,
os cabelos entristecidos,
a pele assaltada de indecisão.
Quando ele vier, porque é certo que vem,
de que modo vou chegar ao balcão sem juventude?
A lua, os gerânios e ele serão os mesmos
— só a mulher entre as coisas envelhece.
De que modo vou abrir a janela, se não for doida?
Como a fecharei, se não for santa? (PRADO, 1991, p.84)

Vaso Noturno

À meia-noite, José dos Reis
— que namoro escondido —
vem fazer serenata para mim.
Papai tosse alto,
tropeça por querer nos urinóis.
Que vergonha, meu deus,
pai, cachorrinha plebéia,
couves na horta
geladas de orvalho e medo.
Me finjo de santa morta,
meu céu é gótico
e arde. (PRADO, 1991, p.452)

Ao fazer uma leitura comparada ou complementar destes textos vemos como Adélia, com toda sua força irônica e poder de representar o cotidiano por meio da arte, faz-nos refletir sobre as questões que envolvem a mulher e traz implícitas as questões da crítica feminista. Temos que pressupor, para tanto, que a sexualidade é um dos elementos básicos do fazer poético de Adélia Prado, pois vem imbricada nos condicionamentos do cotidiano em que a sexualidade é um dos elementos prescritos pela cultura enquanto comportamento normatizado — e, no caso das sociedades ocidentais, pelo modelo hegemônico, heterossexual, masculino. Adélia Prado, ao abordar o sexual questiona os paradigmas: “ou viro doida ou santa”. Adélia escreve: “*só a mulher entre as coisas envelhece*”. O conceito mulher, que diz Adélia é o como a mulher é vista e não o como ela é. De acordo com



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

Lauretis (1994, p.220), “a partir do momento em que assinalamos o F no formulário, ingressamos oficialmente no sistema sexo-gênero, nas relações sociais de gênero, e fomos ‘en-gendradas’ como mulheres, isto é, não são apenas os outros que nos consideram do sexo feminino, mas a partir daquele momento nós passamos a nos representar como mulheres.”

Em “*A serenata*” há a expectativa e a dúvida da loucura de ser feminina, ou ser santa ou doida, e manter a “juventude”, ou seja, ser mulher sem que haja o “engendramento” diante da “lua pálida” e dos “gerânios” que o *habitus* social envelhece a mulher diante das coisas. Em “*Vaso noturno*”, a loucura que é motivo de dúvida no poema anterior, concretiza-se com o “namoro escondido”: “*Me finjo de santa morta,/ meu céu é gótico/e arde*”. A sexualidade concretiza a libertação, o expor-se no gótico enquanto “santa morta”, por mais que tudo cause medo à meia noite, em meio à lua ainda pálida e os tropeços do “Papai” na sociedade patriarcal, como pode-se ver marcadamente em um outro poema, “*A cantiga*”, em que, por meio da simplicidade da vida familiar, determina-se a condição de mulher:

Canta, canta, mulher, vai polindo o cristal,
canta mais, canta que eu acho minha mãe,
meu vestido estampado, meu pai tirando bóia da panela,
canta que eu acho minha vida. (PRADO,1991, p.107)

Há também, em “*Linhagem*”, na descrição da atitude do pai de deixar a mãe sozinha no dia do próprio casamento e ir ao baile, um tom implícito de indignação. São as representações do patriarcado novamente aparecendo:

meu pai, no dia do seu próprio casamento,
largou minha mãe sozinha e foi pro baile.
Minha mãe tinha um vestido só, mas
que porte, que pernas, que meias de seda mereceu! (PRADO,1991,p.143)

Aqui há o jogo da sexualidade da mãe como rompimento do patriarcado. A tosse em “*Moça na sua cama*” é o aviso da presença do pai:

Papai tosse, dando aviso de si,
vem examinar as trameças, uma a uma.
A cumeeira da casa é de peroba do campo,
posso dormir sossegada. Mamãe vem me cobrir,
tomo a bênção e fujo atrás dos homens,
me contendo por usura, fazendo render o bom. (PRADO,1991,p.175)

A cumeieira, de igual modo, exerce um papel relevante no poema: é ela que, como o pai, dá sustentação à casa. Além disso, por ser forte e grossa, protege e garante o sono sossegado a toda a família, o que também pode ser dito com relação ao pai quando cuida de verificar “*as tramelas, uma a uma*”. Ou seja, o pai é o provedor de segurança.

O fato de a mãe cobrir a menina é mais uma evidência da vida rotineira que caracteriza o *habitus*. É quando, então, há o adormecimento e a fuga, estimulada pelos hormônios, em sonhos, “*atrás dos homens*”. Inicia-se, talvez, o período de “rebeldia”, em que a proteção do lar é posta em xeque pelos desejos do corpo e da liberdade.

No poema “*Fotografia*”, revela-se a rígida educação a que foi submetida a mãe que nem para o retrato conseguia sorrir. Além disso, “*o vestido é preto e fechado e a boca é conspícua*”:

Quando minha mãe posou
para este que foi seu único retrato,
mal consentiu em ter as têmporas curvas.
Contudo, há um desejo de beleza no seu rosto
que uma doutrina dura fez contido.
A boca é conspícua,
mas as orelhas se mostram.
O vestido é preto e fechado. (PRADO, 1991, p.230)

A “*doutrina dura*”, marcada pelo patriarcado e pelo recato feminino é o que é mantido pela tecnologia de gênero. O desconstruir estruturas por meio da compreensão do poético enquanto meio para tal há uma grande possibilidade de humanização no sentido de Candido, pois, os grandes parâmetros de constante *diferenciação* a que homens e mulheres se submetem começam a ser questionados, pelo fato de que:

o eterno, na história, não pode ser senão produto de um trabalho histórico de eternização. O que significa que, para escapar totalmente do essencialismo, o importante não é negar as constantes e as invariáveis, que fazem parte, incontestavelmente, da realidade histórica: é preciso reconstruir a história do trabalho histórico de des-historicização [...] a história da (re) criação continuada das estruturas objetivas da dominação masculina [...] através da qual a ordem masculina se vê continuamente reproduzida através dos tempos.” (BORDIEU, 2005, p. 100)

Adélia desafia os parâmetros ao escancarar os desejos e vontades de fêmea. O “eu lírico” não se ressentem em realizar gestos que, em princípio, parecem a submissão, há a necessidade de mostrar, como forma de protesto, as necessidades femininas. É o que ocorre também no poema “*Para o Zé*”:

Como grande senhora vou te amar, os alvos linhos,



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

a luz na cabeceira, o abajur de prata;
como criada ama, vou te amar, o delicioso amor:
com água tépida, toalha seca e sabonete cheiroso,
me abaixo e lavo teus pés, o dorso e a planta deles
eu beijo. (PRADO, 1991, p.100)

Em tais atitudes, está presente uma verdadeira redenção feminina. O "eu lírico", no caso, não se preocupa com a supremacia ou não do posicionamento que adquire, mais interessado que está em pôr à prova os desejos de fêmea, as ânsias do corpo, numa afronta, realizada por meio da sexualidade, ao pleito patriarcal.

Considerações finais

A poesia de Adélia Prado permite uma compreensão e um entendimento da complexa relação entre o sexual e o social. Ao romper que está posto para o corpo, para a sexualidade; em especial, a sexualidade da mulher, a poesia adeliana ressignifica as estruturas constituídas no *habitus* social de representação de gênero, desconstrói o tecnológico de gênero, daí o título deste trabalho.

A preocupação de Bordieu (2005, p. 135) quanto à divulgação da análise científica como uma forma de dominação com efeitos sociais, reforça o objetivo deste trabalho: “contribuir para neutralizar os efeitos da dominação”, a fim de, por meio de reflexão a partir do texto poético, contribuir para des-historicizar o trabalho histórico de diferenciação de gêneros. E como a sexualidade neste viés, apresenta-se como forma de reconhecimento do feminino e de sua identidade.

Observamos a influência da sexualidade presente da poética de Adélia Prado, sempre ressaltando a simplicidade do lar aliada à valorização do tempo de menina, quando era protegida do mundo externo e tinha, na família, em oposição ao ser mulher como fuga ao ambiente patriarcal por meio do desafio que a sexualidade provoca. Tais características nos tornam tão próximos das vivências do "eu lírico" que podemos afirmar categoricamente que ler a obra poética adeliana é adentrar nas profundezas do psicológico, do imaginário em paradoxo com o real.

Referências

AVERBUCK, Ligia Morrone. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 63-83.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**. São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

_____. **O direito à literatura**. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo; Duas Cidades, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 11. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

LAURETS, Teresa. Tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

MORICONI, I. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PRADO, Adélia. **Poesia Reunida**. São Paulo: Siciliano, 3. ed., 1991.

QUEIROZ, Vera. **O vazio e o pleno: a poesia de Adélia prado**. Goiânia: Editora da UFG, 1994.